A Formação do Símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação, Rio de

Janeiro: Zahar, 1975.

PINOTT, José Aristodemo. São Paulo é uma escola – Manual de Brincadeiras:

Educação Infantil, Secretaria Municipal de Educação – Centro de multimeios, 2006. ROSAMILHA, Nelson. Psicologia do jogo e Aprendizagem infantil, São Paulo: Pioneira, 1979.

ROTA de APRENDIZAGEM – ADI Magistério – OTP, Fundação Vanzolini, módulo 4, 2004.

Tempos e Espaços para a infância e suas linguagens. Secretaria Municipal da Educação, 2006

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: O JOGO DAS METODOLOGIAS E O REFLEXO DA EXCLUSÃO

MARIÂNGELA CÂNDIDO DA SILVA

RESUMO

Este artigo pretende refletir sobre a culpabilidade do fracasso da alfabetização nas séries iniciais do ensino fundamental brasileiro atribuído à implementação da filosofia construtivista e sua interpretação dentro do contexto escolar por meio de revisão bibliográfica. Busca-se também refletir sobre o uso dos jogos e das brincadeiras como novas possibilidades motivacionais rumo à conquista do gosto do querer aprender discente para tornar a aprendizagem mais significativa e ainda, resgatar parte da autoestima docente capaz de potencializar o aprendizado por meio de uma mediação sistematizada, porém por intermédio de uma abordagem mais leve sem prejuízo qualitativo do saber do aprendiz. Para tanto, apresenta uma análise a partir das considerações feitas por especialistas da área de alfabetização nas quais se discutem o conflito existente entre os adeptos das teorias tradicional e construtivista, supostamente rivais, e as consequências e impactos dessa discussão dentro e fora do ambiente escolar no trabalho docente e na imagem que se tem da capacidade discente, sobretudo, das classes menos favorecidas.

Palavras-chave: Alfabetização. Letramento. Métodos. Jogos. Brincadeiras.

INTRODUÇÃO

Este artigo propõe uma reflexão a respeito do insucesso da alfabetização nas séries iniciais do ensino fundamental brasileiro atribuído a implementação da filosofia construtivista e seus impactos no contexto escolar. Para tanto, apresenta como referenciais teóricos: Magda Soares e as definições a respeito dos conceitos de alfabetização e letramento; Rosa Maria Mortatti, Emília Ferreiro e Ana Teberosky e Magda Soares e os impactos da chegada do construtivismo ao Brasil; Makheil Bakhtin; Paulo Freire e as reflexões a respeito da aquisição da competência leitora e os contextos nos quais essa acontece de maneira mais eficaz e coerente e a esperança dos jogos e brincadeiras à luz dos pensamentos de Lino de Macedo, Ana Lúcia Sícoli Petty e Norismar Christe Passos.

Na atualidade os meios de comu-

nicação têm divulgado e criticado amplamente os altos índices de analfabetismo bem como, a ineficiência da alfabetização no contexto escolar brasileiro atribuída ao despreparo dos professores e ao surgimento da ideologia construtivista e defendendo o retorno da alfabetização por meio do método tradicional. Ocorre, pois, que independentemente do método a alfabetização acontece na escola particular. Por isso, esse trabalho pretende refletir se o fracasso da alfabetização nas séries iniciais da escola pública brasileira é realmente resultante do surgimento da ideologia construtivista.

Parte-se do pressuposto de que a condição social e o esgotamento físico limitam as possibilidades de acesso à leitura, amplia o grau de dificuldade no processo de alfabetização e a possibilidade de inserção ao mundo letrado de fato.

O presente estudo aborda um tema real que tem sido causa de muitos desconfortos na área da educação por isso, tem como objetivo acadêmico refletir sobre o fracasso da alfabetização nas séries iniciais do ensino fundamental brasileiro. Pretende ainda, elucidar o conceito de alfabetização e comparar as consequências de interpretação das ideias construtivistas no Brasil.

O trabalho está divido em três partes: na primeira o entendimento sobre os conceitos de alfabetização e letramento, na segunda as consequências da implementação das ideias construtivistas no Brasil e para finalizar, uma reflexão sobre leitura e as possibilidades de acesso ao mundo letrado, com base numa pesquisa bibliográfica à luz do pensamento de especialistas da área da educação.

DESENVOLVIMENTO CONCEITOS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Muito se tem discutido a respeito do fracasso da alfabetização. Os meios de comunicação constantemente estampam em grandes manchetes os excessos de erros ortográficos, bem como, a falta de coerência dos textos elaborados por jovens e crianças. Na verdade, as mídias sensacionalistas aproveitam-se desse desconforto, que bem sabem é muito mais complexo do que se imagina, mesmo tendo consciência do referido problema que tem preocupado os governantes há décadas, sendo assim, não é difícil imaginar que as razões que estão por trás desse fenômeno de negatividade também são gigantescas. Por isso, é necessária uma análise mais profunda e justa para essa questão.

Na verdade, não é de hoje que o termo alfabetização tem sido uma preocupação constante não só no Brasil, como em diversos países do mundo pois, com fenômeno da globalização e do avanço surpreendente da tecnologia, essa necessidade começou a ter um maior destaque na mídia e após o ano de 2020, no qual o planeta deparou-se a pandemia de COVID 19, que escancarou a complexidade da arte de alfabetizar. É claro que, sendo o mundo capitalista movido por interesses do mercado e na medida que os interesses econômicos necessitam de um profissional mais qualificado e polivalente fez-se necessário uma discussão mais ampla e com maior interesse das partes envolvidas ou beneficiadas que dependem desse processo para suprir seus interesses sejam estes, pessoais, profissionais, sociais ou econômicos.

Mas o que vem a ser na realidade, a alfabetização?

Na década de 1980, o tema já era relevante e causava preocupação. Com o passar do tempo o termo alfabetização passou a ter diferentes interpretações e gerar grandes debates entre grandes especialistas da área em diferentes países do mundo. De acordo com Soares (2004) num mesmo período histórico e em sociedades geograficamente, socialmente e culturalmente distantes, era curiosa a necessidade de identificar e denominar as práticas de leitura e escrita advindas da aprendizagem do sistema de escrita. Sendo assim, já existia um conflito na definição do que significava realmente ser alfabetizado, mas somente na metade da década é que surge a ideia de letramento no Brasil e em outros países como Portugal e França assim para Soares (2004, p.6),

(...) em meados dos anos de 1980 que se dá, simultaneamente, a invenção do letramento no Brasil, do illettrisme, na França, da literacia, em Portugal, para nomear fenômenos distintos daquele denominado alfabetização, alphabétisation. Nos Estados Unidos e na Inglaterra, embora a palavra literacy já estivesse dicionarizada desde o final do século XIX, foi também nos anos de 1980 que o fenômeno que ela nomeia, distinto daquele que a língua inglesa se conhece como reading instruction, beginning literacy tornou-se foco de atenção e discussão nas áreas da educação e da linguagem (...)

Essas afirmações já evidenciam o argumento de que entender o processo de alfabetização já era complicado até mesmo para os especialistas na área da Educação, porque as denominações e entendimentos variam de acordo com os anseios e maneiras de interpretação que cada lugar ou grupo de indivíduos possuem a respeito do assunto. Acompanhando ainda, a reflexão sobre a invenção do letramento afirma Soares (2004), que se transformou no foco das atenções e debates no campo da educação e da linguagem, fomentando vasta literatura sobre o tema, com publicações, desde então, nos países citados por meio de diversos programas neles realizados com avaliação dos níveis de leitura e escrita de seus indivíduos. E continua Soares (2004), que aproximadamente na mesma época uma proposta da (UNESCO) Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura a sugestão de avaliações internacionais sobre o aspecto de domínio de leitura e escrita que transpusessem a simples medição da capacidade do saber ler e escrever. Portanto, as discussões já existem há quase cinco décadas e continua sendo, altamente preocupante e relevante a dicotomia de interpretações a respeito da alfabetização e do letramento, tanto que continuam a serem lançados livros, estudos cada vez mais elaborados, o que mantém o tema amplamente divulgado, discutido e focalizado pelas mídias.

Para além da coincidência em relação ao período em que surgem tais discussões está um outro fator relevante que merece destaque para maior elucidação dessa reflexão, a diferença existente no contexto e motivações nos quais surgem essas descobertas que divergem nos países desenvolvidos dos países em desenvolvimento como é o caso do Brasil, como destaca Soares (2004) apesar da coincidência quanto ao momento histórico o contexto e as causas desse surgi-

mento são profundamente diferenciados em países em desenvolvimento, como no caso do Brasil, e em países desenvolvidos e que entre outras diferenças ressalta a principal, que é o destaque atribuído ao conceito de letramento e o conceito de alfabetização.

Segundo Soares (2004) nos países do chamado Primeiro Mundo as práticas sociais de leitura e de escrita era relevante para constatação de que embora alfabetizada, a população não tinha o domínio suficiente de habilidades de leitura e escrita que permitisse um bom desempenho em práticas sociais e profissionais relacionados à língua escrita. Então, nos Estados Unidos e na França, por exemplo, tais práticas surgem de forma distinta da aprendizagem de escrita. Percebe-se aí, um entendimento de que o fato de saber codificar e decodificar não era suficiente para proporcionar a população uma leitura com compreensão necessária que permitisse ao indivíduo atuar e resolver problemas e atividades cotidianas, sendo necessário para tanto, um estudo que ampliasse e promovesse o desenvolvimento de certas competências para propiciar a esse sujeito a capacidade não só reproduzir o que lia ou escrevia, mas saber também utilizar a leitura e a escrita como aliadas para ter um modo de vida mais autônomo, significativo e eficaz.

Embora tendo clareza a respeito das especificidades relacionadas à alfabetização e ao letramento, Estados Unidos e França, também enfrentaram problemas relacionados à aquisição do sistema de escrita, pois, Segundo Soares (2004) nesses dois países havia um forte debate a respeito dos problemas de alfabetização na sua fase inicial com destaque a dois problemas: o baixo desempenho das competências de leitura e escrita, essencial para a atuação em nas práticas sociais letradas e os transtornos no percurso de aprendizagem do sistema de escrita eram tratados de maneiras distintas, mostrando o conhecimento de suas diferenças e uma ligação não por acaso entre eles.

Logo, a alfabetização e letramento estão sempre relacionados e mesmo a percepção da distinção entre os dois fenômenos não consegue combater as causas e os problemas ocasionados pela complexidade da aquisição do sistema de escrita e do uso das competências de leitura e escrita fora do contexto escolar.

No cenário brasileiro, o que se percebeu foi uma visão meio oposta a dos países desenvolvidos uma vez que atrelou às práticas de letramento à alfabetização pois, afirma Soares (2004) o movimento aconteceu de certa forma arbitrária: a preocupação com a necessidade de utilizar de modo eficaz as habilidades de leitura e da escrita tem sua fonte atrelada à aprendizagem inicial de escrita, iniciando-se particularmente, a partir do conceito de alfabetização. Portanto, notou-se que enquanto em países como: Estados Unidos e França houve uma consciência distinta entre a alfabetização e o letramento, no contexto brasileiro, houve uma confusão que acabou mesclando ambos os conceitos. E esse conflito foi responsável por exercer grande influência sobre pesquisas a respeito do assunto e nos meios de comunicação. Apesar de a priori parecer ser um mero detalhe tal afirmação torna-se bem mais interessante à medida que, atribui ao conceito de alfabetização um senti-

do bem mais amplo, porque tem enraizados em seus dados questionamentos que não dizem respeito ao sistema de escrita, mas sim às práticas de letramento.

De acordo com Soares (2004) o conceito de alfabetização que vigorou até o Censo de 1940, era atribuído a quem declarasse que sabia ler e escrever, traduzido como condições de escrever o próprio nome, seguido pelo conceito de alfabetizado o indivíduo capaz de escrever um bilhete, ou seja, aquele capaz de exercer uma prática de leitura e escrita trivial, em 1950 e na atualidade a denominação de alfabetização funcional, diagnosticado pelo critério de anos de aprendizagem escolar, em que além de aprender a ler e escrever o aluno deverá também fazer uso da leitura e da escrita, verificando-se uma ampliação do conceito de alfabetização rumo ao conceito de letramento. Por isso, verifica-se que houve ao longo dos anos uma extensão do conceito de alfabetização atrelado às práticas de letramento e isso, certamente altera os dados relacionados aos índices de analfabetismo porque consideram analfabetos, não só aqueles que não dominam o sistema de escrita, mas também aqueles que não são capazes de ler, redigir e interpretar textos de diferentes gêneros, temáticas bem como, fazer uso das novas tecnologias em processos de mutações cada vez mais velozes e, portanto, mais enigmáticas para a nova realidade enfrentada pelo sujeito contemporâneo.

Para além das dificuldades resultantes dos transtornos comuns enfrentados por pessoas ditas não alfabetizadas estão outras situações incômodas que serão discutidas neste trabalho posteriormente.

Somente no final da década de 1980, é que começaram a ser publicadas obras brasileiras rumo a uma certa diferenciação entre alfabetização e letramento como cita Magda Soares no trabalho intitulado: Letramento e alfabetização: as muitas facetas publicado em 2004, na qual cita a publicação das obras de Leda Verdiani Tfouni (1988), Roxane Rojo, Ângela Kleiman e da própria Magda Soares, descrevendo uma aproximação entre a alfabetização e letramento e algumas diferenças entre eles e acrescenta Soares (2004, p.8),

(...) São apenas exemplos que privilegiam as obras conhecidas sobre o tema, da tendência predominante na literatura especializada tanto na área das ciências lingüísticas quanto na área da educação: a aproximação, ainda que para propor diferenças, entre letramento e alfabetização, o que tem levado à concepção equivocada de que os dois fenômenos se confundem e até se fundem.

Novamente parece evidente a existência de certa dificuldade em explicar que entre alfabetização e letramento embora muito próximos possuem certas distinções e que, houve realmente um erro de interpretação no contexto brasileiro.

Esse equívoco na interpretação do termo de alfabetização tem sido motivo de transtornos e resultados que ao referirem-se ao termo de alfabetização estão na verdade englobando competências atribuídas às práticas de letramento. Vale ressaltar que, ambos os processos são fundamentais na busca de sujeito autônomo capaz de interpretar os códigos do sistema de escrita e utilizar esses códigos para participar das diferentes atividades

cotidianas nas quais além da leitura e da escrita proporcione o entender, o opinar, o instruir-se para uma tomada de decisão, a compreensão, operar máquinas eletrônicas em terminais, ou até mesmo utilizar a internet com todas as ferramentas que esta oferece.

É necessário ter o conhecimento das especificidades da alfabetização e do letramento até mesmo para entender o conceito de analfabeto, pois, este quando aferido à alfabetização em si, diz respeito à pessoa que não sabe ler e nem escrever, já ao considerar as competências inferidas ao letramento aquela passa a ter sua denominação ampliada e passa a ser conhecido como analfabetismo funcional, ou seja, o indivíduo incapaz de interpretar textos simples. Assim conforme Ribeiro (1997, p.1),

Em alguns casos, o termo analfabetismo funcional foi utilizado também para designar um meio termo entre o analfabetismo absoluto e o domínio pleno e versátil da leitura e da escrita, ou um nível de habilidades restrito às tarefas mais rudimentares referentes à "sobrevivência" nas sociedades industriais. Há ainda um conjunto de fenômenos relacionados que podem ser associados ao termo analfabetismo funcional, por exemplo, o analfabetismo por regressão, que caracterizaria grupos que, tendo alguma vez aprendido a ler e escrever, devido ao não uso dessas habilidades, retornam à condição de analfabetos.

Enfim, ao final desse capítulo conclui-se que no contexto brasileiro houve sim, uma interpretação equivocada que uniu os conceitos de alfabetização e letramento cujo sentido correto deve entender como alfabetização o processo pelo qual se dá a aprendizagem do sistema de escrita, capaz de proporcionar ao indivíduo a capacidade de decodificar e codificar, ou seja, aprender a ler e escrever. Já exercer o uso competente da leitura e da escrita para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo na verdade, refere-se ao conceito de letramento. Hoje já se sabe que a alfabetização e letramento são dois processos distintos que se complementam e por isso, necessitam serem trabalhados simultaneamente sem desmerecer e nem negligenciar nenhum deles, mas respeitando as características de cada um.

A seguir será analisado outro fator amplamente discutido e apontado como uma das causas do fracasso da alfabetização contemporânea: o Construtivismo.

OS IMPACTOS DA TEORIA CONSTRUTIVISTA NO CONTEXTO ESCOLAR BRASILEIRO

Não é de hoje que inúmeras disputas de pensamentos e radicalismos tem deixado suas marcas no âmbito da educação pois, em se tratando de um contexto tão amplo com inúmeros atores, objetivos, e interesses políticos, econômicos e sociais envolvidos, dificilmente há de se chegar a um consenso que satisfaça a todos.

Desde o início da alfabetização no Brasil, esses conflitos foram sucedendo-se a cada nova descoberta ou modismo que aparecia gerando a defesa de seus adeptos e as críticas de seus opositores, nem sempre preocupados com o sujeito final desse processo, mas sim com os benefícios e praticidade rumo aquisição de

resultados que vislumbravam superar os altos índices apontados pelo fracasso da alfabetização. Entre essas disputas estão, entre outros mais antigos que não são o foco desse estudo, os conflitos entre a ótica construtivista e a concepção dita tradicional, pois, se os equívocos causados pelo entendimento a respeito dos sentidos reais entre os conceitos de alfabetização e letramento geraram graves consequências na superação do insucesso da alfabetização eis aqui, outro fator que deixou consequências desastrosas nesse cenário.

Segundo MORTATTI (2006), no Brasil a alfabetização tem sua face mais marcante nos estudos dos meios de alfabetização por meio dos quais giram, desde o fim do século XIX, e vem fomentando fortes disputas entre 'velhas' e 'novas' teorias para um mesmo dilema: a dificuldade na alfabetização de nossas crianças principalmente no sistema público.

Para MORTATTI (2006), desde a implantação da república, é que se vem buscando melhorar, o que em um dado momento histórico era tido como tradicional no ensino e responsável por seu fracasso e que praticamente em um século os esforços foram concentrados fundamentalmente nas estratégias de ensino da leitura e da escrita com várias disputas entre os adeptos de novo método e daqueles que defendiam os sistemas tradicionais, mais antigos. Portanto, há muito tempo já existe disputa entre novas e antigas concepções, sendo a opção por um ou outro uma questão política, e claro que para defender seu ponto de vista se faz necessário atribuir a culpa do fracasso ao que está situado em outro extremo.

Foram muitos os caminhos propostos para o ensino e aprendizagem da leitura e da escrita no Brasil. Ao longo de séculos evoluíram de sintético para analítico, de analítico para misto, ora a ênfase do método partia da palavra, ora da frase, ora do misto, ora do global. Nas últimas décadas tem-se denominado de método o ensino tradicional, nova interpretação equivocada de um conceito que trouxe muitos conflitos e consequências desagradáveis para o âmbito escolar, consequentemente à Educação.

O modelo de ensino tradicional que vigorou até o final da década de 1970, segundo Moratti (2006), teve sua relação atribuída ao método, principalmente a partir da repercussão dos novos fundamentos psicológicos contidos no livro de

Manoel Bergstrõm Lourenço Filho intitulado 'Testes para ABC para verificação a maturidade necessária ao aprendizado da leitura e escrita (1934)', no qual o autor descreve os resultados de uma pesquisa realizada por ele com alunos do antigo 1º grau com o intuito de encontrar soluções para a dificuldade na alfabetização das crianças. O autor apresentou uma proposta de oito testes de ABC, com a finalidade de medir o grau de maturidade ideal para o aprendizado da leitura e da escrita para selecionar e classificar as crianças alfabetizandas buscando a formação de classes homogêneas e a racionalização e sucesso na alfabetização. Pode-se inferir que essa proposta foi pautada na seleção, classificação dos alunos em idade de alfabetização, com a formação de classes com indivíduos de um mesmo padrão, considerados com um nível comum de capacidade intelectual o que facilitaria o

uso de um método comum, que baseado na aplicação dos testes classificatórios no final, proporcionaria aos vencedores a premiação da promoção para um nível superior e, ao aluno que não conseguisse obter o resultado esperado e a retenção dos ditos fracassados.

Será que então, essa conquista era realmente advinda da escola e seu método tradicional? Ao fazer uma análise nos dados obtidos em sua pesquisa relatam Ferreiro e Taberosky (1999) é longo o processo de evolução entre as hipóteses iniciais das crianças e os objetivos terminais e que essa evolução ocorre antes da escola, pois descobriram crianças que já se encontravam na última etapa de evolução da escrita alfabética no momento em que estavam entrando no ensino fundamental enquanto que outras crianças que ingressavam na escola nos estágios iniciais sendo que no primeiro terá pouco a contribuir e no segundo caso terá muito o que ensinar e questionam se a escola tradicional estaria preparada a atender às suas reais necessidades. Então, percebe-se um ponto de encontro entre as duas concepções apresentadas já existia, e existe ainda, uma diferença de nível entre as crianças que ingressam na escola, mas a diferença está no que se faz e como se age com essa diferença.

Nada contra a uma proposta de trabalho que acompanhe sistematicamente os avanços e dificuldades dos alfabetizandos, não é nisso que consiste o erro, mas sim porque no chamado método tradicional esse fato servia era para classificar e rotular o aluno, que se traduzia no indivíduo que sabia e era capaz ou naquele que não conseguia aprender por sua própria incapacidade intelectual. Não se pensava em propor caminhos, como incentiva a ideia construtivista, que levasse o professor a pensar no processo formativo dessa criança, nas suas dificuldades para assim, lhe oferecer uma nova oportunidade, um novo caminho, ou seja, um novo direcionamento que permitisse a possibilidade de êxito respeitando o seu tempo e reais possibilidades, sem um estigma de fracassada e incapaz. Dado que os indivíduos não são idênticos, a maneira de pensar por mais próxima que seja não é idêntica e que cada criança tem seu tempo de aprender e não são somente a idade e a capacidade intelectual que podem determinar seu destino.

Durante o período em que imperou o denominado método tradicional, com certeza, uma das ferramentas mais marcantes de ensino e aprendizagem de leitura e escrita brasileiro, foi o uso das cartilhas. A esse respeito Mortatti (2006, p.5),

As primeiras cartilhas brasileiras, produzidas no final do século XIX sobretudo por professores fluminenses e paulistas a partir de sua experiência didática, baseavam-se nos métodos de marcha sintética (de soletração, fônico e de silabação) e circularam em várias províncias/estados do país e por muitas décadas.

Mais tarde, com o surgimento da nova proposta pedagógica essa ferramenta sofreria severas críticas por oferecer textos considerados vazios, sem sentido, isso porque baseavam-se na sonoridade na relação grafema fonema, na coordenação dos movimentos de escrita, e nos testes de escrita repetitivos e mecânicos, baseado no método estímulo resposta e em cópias de textos. Assim para Mortatti

(2006, p.9),

Vai-se, assim, constituindo um ecletismo processual e conceitual em alfabetização, de acordo com o qual a alfabetização (aprendizado da leitura e escrita) envolve obrigatoriamente uma questão de "medida", e o método de ensino se subordina ao nível de maturidade das crianças em classes homogêneas. A escrita continuou sendo entendida como uma questão de habilidade caligráfica e ortográfica, que devia ser ensinada simultaneamente à habilidade de leitura; o aprendizado de ambas demandava um "período preparatório", que consistia em exercícios de discriminação e coordenação viso-motora e auditivo-motora, posição de corpo e membros, dentre outros.

Para contrastar com o ideário do chamado método tradicional, surge na década de 1980, o Construtivismo baseado nos estudos de Emília Ferreiro e seus colaboradores após uma pesquisa revolucionária intitulada Psicogênese da Língua Escrita, onde comprova a formulação de hipóteses de escrita pelas crianças. A partir de então, a criança passa a ser entendida como um sujeito cognoscente e, portanto, necessita ter seus avanços respeitados e considerados. Agora o método deixa de ser o foco, e a ênfase passa a hipótese levantada pela própria criança.

Esse pensamento construtivista surge num contexto em que se busca um indivíduo que não só reproduz aquilo que lhe é imposto, que segue regras específicas sem questionamento, esse indivíduo necessita ser capaz de participar da construção do seu próprio conhecimento, com o auxílio de um docente que estimule essa construção por meio do incentivo e da proposta de situações que estimulem cada vez mais esse crescimento. Mas, entre as novas propostas o construtivismo apresenta sérias críticas ao uso da cartilha. Como ressalta Mortatti (2006, p.10),

(...) O pensamento construtivista sobre alfabetização, resultante das pesquisas sobre a psicogênese da língua escrita desenvolvidas pela pesquisadora argentina Emilia Ferreiro e colaboradores. Deslocando o eixo das discussões dos métodos de ensino para o processo de aprendizagem da criança (sujeito cognoscente), o construtivismo se apresenta, não como um método novo, mas como uma "revolução conceitual", demandando, dentre outros aspectos, abandonarem-se as teorias e práticas tradicionais, desmetodizar-se o processo de alfabetização e se questionar a necessidade das cartilhas.

Segundo Ferreiro e Taberosky (1999) entender a escrita como cópia não leva à escrita verdadeira, a ideia da leitura como decifração, não só prejudica a leitura como propicia outros problemas, seguindo o caminho da relação fonema-grafema permite-se alcançar rapidamente à pronúncia correta própria das classes dominantes e a escola seleciona aqueles que podem aprender mais rapidamente daqueles que precisam aprender a falar corretamente para poder escrever e desta forma ao invés de contribuir para aumentar os alfabetizados aumenta ainda mais a produção de analfabetos. Partindo-se do pressuposto já abordado nesse estudo de que ninguém consegue codificar sem decodificar o que se percebe é que a crítica está na maneira como se dá esse processo a partir de uma criança que aprende a

escrever sem ter na verdade o que escrever e por isso, recorre à cópia de ideias imediatas e da reprodução de uma decodificação de códigos que em sua mente não conseguem estabelecer relações e por isso, se perdem com facilidade porque não têm significação.

Portanto, a chegada da ideia construtivista trouxe grandes descobertas para o ramo da educação porque provou que as crianças apresentavam hipóteses de escrita comuns, logo, a criança possuía sua própria maneira de pensar, mas acabou também gerando consequências negativas para o processo de alfabetização como destaca Soares (2004, p.11),

Sem negar a incontestável contribuição que essa mudança de paradigma, na área da alfabetização, trouxe para a compreensão da trajetória da criança em direção à descoberta do sistema alfabético, é preciso, entretanto, reconhecer ela conduziu a alguns equívocos e a falsas inferências, que podem explicar a desinvenção da alfabetização.

Assim, pode-se perceber que o construtivismo trouxe sim, contribuições importantes para a alfabetização, mas as interpretações equivocadas cuja ênfase principal foi atribuída a banalização do ensino sistema de escrita juntamente com o uso das cartilhas, diluíram o brilhantismo de tais descobertas, por que com isso, perdeu-se como afirma ainda Soares (2004) "a perda da especificidade do processo de alfabetização". Para a autora, "privilegiando a faceta psicológica da alfabetização obscureceu-se sua faceta linguística – fonética e fonológica". Portanto, ao direcionar o foco para a maneira da criança pensar, houve um erro de interpretação que ao criticar o uso da cartilha permitiu o entendimento que a utilização de um método sistemático para estabelecer a relação entre os grafemas e fonemas, próprio do sistema alfabético, implicaria num retrocesso ao intitulado método tradicional. Esse abandono do método pelo qual se deve ensinar a criança a codificar e decodificar, somado a outra ideia equivocada de que a criança era capaz de aprender sozinha acabou abandonando os alfabetizandos à própria sorte resultando em altos índices de semi-alfabetizados, alfabetizados iletrados e, portanto, alvo constante da mídia que culpabiliza o tempo todo, o método construtivista e os professores.

Para não correr o risco de injustiça, vale ressaltar que os resultados negativos relacionados à aprendizagem do sistema de escrita que tem sido percebida desde chegada do construtivismo foram diagnosticadas não só no Brasil, como em países mais avançados como nos Estados Unidos onde foi solicitada uma pesquisa pelo próprio congresso nacional, assustados com os índices das avaliações externas assim Soares (2004, p.13),

Os defensores do ensino direto e explícito das relações fonemas grafemas, no processo de alfabetização, nos Estados Unidos, encontraram reforço no relatório produzido, em 2000, pelo National Institute of Child Health and Human Development (NICHD), em resposta ao Congresso Nacional, alarmado com os baixos níveis de competência em leitura que as avaliações estaduais e nacionais de crianças em processo de escolarização vinham denunciando (...)

Pode se inferir que além dos pro-

blemas relativos ao processo de alfabetização também aparece nesse contexto a amplitude no campo das avaliações, que deixaram de ser restritas ao interior das escolas para ultrapassar os limites dos estados e até mesmo de países proporcionado pela mídia, por novo período histórico onde as tecnologias permitem divulgação de resultados para as fronteiras mais longínquas. Houve um aumento do público atendido pela escola e se o público aumentou também é natural que se amplie os números dos resultados. Então, existe um descompasso, pois, se a aprendizagem se pauta nas bases psicológicas das crianças, as avaliações direcionadas para o resultado das massas onde é exaltado o objetivo final do processo de alfabetização e letramento e que deve vir rápido. Para justificar busca-se novos culpados: o surgimento do construtivismo e o despreparo docente.

Para mudar o ponto de partida, da parte para o todo, do todo para as partes por meio da leitura e escrita com compreensão de textos de diferentes gêneros propostos pelo construtivismo não haveria a necessidade do abandono da especificidade do ensino do sistema de escrita, até mesmo porque, tais considerações já haviam sido vivenciadas no passado esse movimento constante entre todo e partes, e partindo se do pressuposto que não se pode chegar a leitura sem a decodificação dos códigos e não se pode escrever sem aprender a codificalos. Existe, portanto, um erro no discurso, cujos os resultados foram atribuídos a filosofia construtivista mas, que na verdade foi um erro de interpretação que não se sabe ao certo se foi impulsionado pela recusa de adesão ao novo ou se inconscientemente não se buscou compreender e aprofundar a real proposta construtivista, pois, a própria história da humanidade parte das necessidades do ser humano e da evolução de descobertas passadas sobre as quais o indivíduo constrói e aperfeiçoa seu conhecimento e torna-se capaz de propor outras descobertas. Com chegada do Construtivismo Segundo Mortatti (2006), começou um confronto entre os seus adeptos e os partidários – camuflados atuantes em suas práticas – dos métodos tradicionais, do uso das cartilhas e dos diagnósticos classificatórios engendrando mistura de métodos produzindo uma nova característica conceitual e processual na alfabetização. Ou seja, percebe-se que houve uma confusão não de sincretismo espontâneo de duas correntes nas quais se aproveitassem o que cada uma tinha de melhor, mas uma disputa na qual, cada um procurava conduzir para o seu lado, seja por medo, por convicção ou mesmo por aquilo que parecia ser mais fácil de assimilar ou praticar.

Sendo assim, a descoberta da elaboração das hipóteses de escrita construídas pela criança não implicaria no abandono da alfabetização e muito menos da criança à própria sorte como ocorreu. Como evidenciado por Soares (2004, p.11) “em segundo lugar, derivou-se da concepção construtivista da alfabetização uma falsa inferência, a de que seria incompatível com o paradigma conceitual psicogenético a proposta de métodos de alfabetização”. Portanto uma falsa interpretação de que sendo a criança um ser cognoscente, fosse capaz de construir o conhecimento sem o auxílio de um adulto mais experiente que auxiliasse nesse processo. Segundo Soares (2004), somou-se a

esses equívocos a dedução da falsa ideia de que só de estar em contato com o vasto material de escrita disseminado pelo convívio com as práticas de letramento a criança é alfabetizada.

Esses equívocos permitem outras vertentes igualmente desastrosas, pois, podem levar a conclusão de que a própria ação docente não seria tão importante em contradição ao antigo e denominado método tradicional, onde o professor figura cujos os saberes eram indispensáveis aos alunos que careciam de sugar seus conhecimentos e se assim o fizessem e se fossem intelectualmente maduros e saudáveis chegariam ao êxito, caso contrário seriam esses últimos os únicos culpados. Assim, acrescenta-se mais um erro de interpretação perigosa, pois, se denominamos o método de ensino e aprendizagem, ambos os atores são importantes o aluno, sujeito histórico inserido num mundo no qual as informações chegam cada vez mais rápidas e cujo o tempo disponível, muitas vezes supera o do professor, e no outro polo, o docente profissional qualificado também cognoscente, porém, mais experiente, que necessita ter como foco mais que seguimento desse ou daquele método, as reais necessidades do aluno e propor-lhes situações didáticas (métodos), novos desafios para ampliar seus conhecimentos.

Esses chamados equívocos, erros de interpretações intencionais ou não, constituem-se em entraves perigosos que podem mudar o curso rumo ao tão almejado sucesso da alfabetização, porque ofusca o objetivo supremo perda de tempo e esforços concentrados em discussões a respeito de métodos e teorias, quando na verdade o que importa é aprimorar e utilizar o que cada um traz de melhor para contribuir com o trabalho docente e no direito do aluno em aprender a fazer o uso do sistema de escrita de tal modo em que, ler textos de diferentes gêneros, não sejam para esses motivos de angústias e desespero, mas fonte de prazer e elevação de autoestima, no orgulho de sentir-se capaz, ou mesmo na obrigação de exercer o seu dever enquanto cidadão.

A esse respeito, ao citar a importância da relação alfabetização e do letramento respeitando a especificidade de cada um, alerta Soares (2004)) afirma que infelizmente, percebe-se, aparentemente o que vem acontecendo atualmente é a sensação de que se as crianças estão sendo letradas na escola, mas não estão sendo alfabetizadas por ela, parece estar propondo um retorno à alfabetização como um processo autônomo apartado do letramento e precedente. Novamente ao invés de se combater as causas do que não está dando certo, simplesmente toma-se uma posição radical em que privilegia um processo e sonega-se o outro, até que se constate que os resultados também não serão satisfatórios porque serão incompletos.

Ao refletir sobre as múltiplas faces da alfabetização, afirma a autora Soares (2004, p.12),

Temos usado com frequência na área da educação a metáfora da "curvatura da vara", a que os americanos preferem a metáfora do "pendulo", ambas representando a tendência ao raciocínio alternativo: ou isto ou aquilo; se isto, então não aquilo.

Não existe meio termo, a cada momento o foco é direcionado para um ou outro fator e não importa os demais, ora privilegia-se o outro e simplesmente abandona-se o primeiro. Nesse movimento percebe-se uma desconexão, uma descontinuidade no processo.

Conclui-se este capítulo citando novamente o artigo e esclarecimentos de Soares (2004) no qual está bem claro que a alfabetização é um processo difícil e complexo que possui inúmeros aspectos relevantes que a compõe que vão desde a especificidade do seu próprio aprendizado, passando por suas relações indissociáveis com o letramento, a importância do trabalho docente para o aluno, da descoberta e valorização do aluno como ser pensante. Entende-se ainda que para além de suas próprias dificuldades estão relacionados outros problemas relacionados a origem social, pessoal, político e econômico e os interesses de uma classe dominante que para garantir seus interesses capitais, parece ignorar que também é prejudicada pela falta de mão de obra qualificada futura originária de um processo formativo complexo que ultrapassa os limites da escola propriamente dita.

Nessa parte espera-se ter contribuído no entendimento de que, embora haja uma constatação de que com a chegada do construtivismo tenha havido uma grande confusão no âmbito da educação, sobretudo, na alfabetização das crianças, não é esta descoberta a responsável por essas consequências desastrosas, mas sim, as interpretações equivocadas que fizeram a seu respeito em razão de sua não aceitação, ou na defesa do chamado método tradicional, que conforme procurou-se demonstrar nesse estudo, a tradição se faz na passagem de gerações e isso, não pára, pois, aqui percebeu-se que os métodos de classificação não abandonaram por completo a sala de aula, mas a sua camuflagem, ou a sua defesa por meio do abandono da criança a própria sorte sob a alegação de adesão ao construtivismo, e assim, não se pode afirmar que durante todo esse tempo somente o construtivismo esteve ativo no contexto escolar e que muitas vezes ele sequer foi utilizado e portanto, a culpa do fracasso não pode ser atribuída somente a ele como tem sido feito.

Para finalizar, volta-se ao início dessa reflexão onde está explícito que esses conflitos entre partidários de correntes diversas sempre existiram no Brasil, repleto de julgamentos e desigualdades e que a alfabetização é um processo complexo que e necessita de rigor e método independente da corrente a que se segue. E que o conceito de método não é sinônimo daquilo que se denominou método tradicional, que ao apresentar a criança como ser cognoscente o construtivismo permitiu um respeito maior a esse ser que aprende, que esse ser necessita sim, da ajuda de alguém mais experiente e com competência para ensinar, e por fim, que com os avanços da tecnologia houve uma cobrança maior em relação aos resultados da alfabetização, e que essa demanda tem se tornado um fardo pesado para os docentes a medida que se ampliam as cobranças sem considerar o trabalho complexo e difícil que se constitui, e principalmente, da falta de valorização da pessoa e do trabalho do professor profissional indispensável, cuja a determinação e criatividade tornaram-se fontes de superação de seus

próprios limites de acesso tecnológico, esgotamento físico e emocional, expôs ao mundo a sua capacidade de intervenção e mediação entre o aprendiz e suas possibilidades de aprendizagem.

Para entender as causas do fracasso da alfabetização é preciso ir além, dos bombardeios que a mídia imputa ao professor e o aluno, pois existe uma dicotomia entre o foco do ensino e o foco das avaliações, a visão de mundo e de sujeito necessário e proposto em cada período histórico, as interpretações distorcidas na área da educação, o foco num determinado método em função da extinção de outro, a escola se divulga e a que se encontra adentro dos muros escolares. E é seguindo esse pensamento é que a seguir passa a refletir a questão do que significa ler de fato e a importância dessa competência na vida do indivíduo.

REFLETINDO SOBRE AS POSSIBILIDADES DE ACESSO AO MUNDO LETRADO

Não é de agora que o povo brasileiro tem sido acusado de não valorizar a leitura, de ser um povo inculto e que não gosta de ler. Mas a grande verdade é que ninguém consegue ler por muito tempo algo que não compreende ou não faz sentido. Além do mais os povos gregos já afirmavam que “o conhecimento provinha do ócio” Na atualidade, a todo momento, pode-se encontrar pessoas nervosas que perdem a paciência ao tentar ler manuais, leis ou mesmo cadernos de jornais não relacionados aos temas cotidianos. A tecnologia trouxe em seu bojo infinitas possibilidades de acesso ao conhecimento, no entanto, o tempo parece ter diminuído na aquisição e reflexão de tanto conhecimento. A falta de compreensão leitora faz com muitas pessoas se tornem vítimas de estelionatários porque são incapazes de acompanhar as instruções ao lado de máquinas modernas; de se instruírem a respeito de seus direitos entre outras situações desagradáveis. Nesse sentido, a pandemia de COVID 19, escancarou ao mundo os prejuízos astronômicos que poderiam ter sido abrandados se as desigualdades econômicas e sociais não tivessem limitado as possibilidades de acesso tecnológico e cultural a que minimamente todos deveriam ter direito. Como já foi discutido nesse trabalho, os indivíduos prejudicados carregam os estigmas do constrangimento do sentimento de impotência e acabam excluindo-se e sendo privados do acesso as vantagens e prazeres da vida moderna.

Tais indivíduos acabam por se conformar com a situação ou a reagir a ela com comportamentos de revolta ou desinteresse que não contribuem nem para o bem pessoal e nem social.

Crianças pequenas independentemente da classe popular que pertencem costumam gostar de ouvir histórias, pois essas são capazes de levá-las ao mundo dos sonhos, e de sonhar com a superação de suas dificuldades. É fato que as crianças ao chegarem à escola gostam de ouvir e contar histórias, são curiosas, atentas as novidades, crianças de hoje, mesmo os bebês de dois a três anos surpreendem seus pais com seus conhecimentos a respeito do uso de celulares, tablets, vídeo games etc. Mas não se sabe ao certo o que acontece com essas crianças à medida que avançam na idade e começam sua caminhada escolar, percebe-se que

ao longo dos anos vão tornando-se mais apáticas, desinteressadas, rebeldes e confusas. Talvez, as causas vão além do construtivismo e da alfabetização. Como gostar daquilo que não se compreende ou pior, a leitura que não se consegue dos livros se lê por de uma realidade vivenciada e sentida no corpo e na alma até mesmo daquele que ainda não sabe traduzir ou explicar aquilo que sente.

Pressupõe-se que contato direto com livros, materiais escritos, jornais, o seu convívio diário motivo, estimula a leitura, pois, se torna habitual e aos poucos vai-se construindo uma base forte que permite o desvelamento do que é escrito e compreendido. Assim Ferreiro & Teberosky (1999, p.105),

Se falamos de instrução sistemática abstraindo-se das formas metodológicas concretas, é porque cremos que nenhuma delas leva em conta os processos naturais da conceitualização, ainda que algumas os respeitem mais, enquanto outras impõem as concepções adultas desde o começo. Porém, além dos fatores relativos a conceitualização existem outros determinados pela procedência social das crianças. A influência do fator social está em relação direta com o contato com objeto cultural "escrita". É evidente que a presença de livros, escritores e leitores é maior na classe média do que na classe baixa.

A luz do pensamento dessas estudiosas que foram as impulsionadoras do construtivismo percebe-se que existe sim, maior dificuldade da criança inserida numa classe social menos favorecida. Se partir-se do pressuposto que os desgostos da vida são capazes de tornar as pessoas incrédulas, insensíveis e violentas entender-se que a leitura, que gera o conhecimento constitui um caminho para o crescimento humano e intelectual, pois geralmente, leitores competentes são mais reflexivos, pessoas reflexivas costumam manter a calma por mais tempo. É lógico como ser capaz de entender aquilo que pretende para sua vida esse indivíduo pode fazer o uso dessa competência também para o mal, mas nesse caso, ele é o verdadeiro culpado do seu destino e não um mero produto da sociedade.

A leitura é indispensável para o ser humano, a criança tem o direito do acesso a esse benefício, mas muitas vezes isso não é o que percebe durante seu processo de escolarização sendo que muitas vezes esse esclarecimento venha a acontecer bem mais tarde quando da necessidade dessa competência como fator vital, pois, dela dependerá a conquista de um bom emprego, de uma vida mais saudável, menos penosa e a liberdade de poder escolher entre o que acredita ser certo ou errado para ser capaz de transformar a sua própria história.

É preciso ler com compreensão porque isso funciona como estímulo, pois, quem é que já não foi pego pela vontade de chegar à solução de um livro de mistério instigante buscando a cada nova pista desvendar o enigma antes de chegar ao final apresentado pelo autor? Quem que já não se emocionou ao ler uma bela poesia? Quem já não observou e achou uma obra de arte estranha, mas quando do conhecimento de sua contextualização histórica já não passou a vê-la com outro olhar de admiração porque compreendeu enfim a sua beleza.

A leitura abre as portas de apro-

ximação com o outro e faz o indivíduo perceber realmente quem é ele e quem é o outro de fato. Os indivíduos podem completar-se e crescerem juntos por meio da dialogicidade e do respeito mútuo. Por meio da comunicação é possível crescer intelectualmente e essa comunicação se dá de várias formas: no discurso falado, nos gestos e quando a proximidade não é possível, por meio da leitura. Assim Bakhtin (1997, p.44),

O excedente de minha visão, com relação ao outro, instaura uma esfera particular da minha atividade, isto é, um conjunto de atos internos ou externos que só eu posso pré-formar a respeito do outro e que o completam justamente onde ele não pode completar-se.

Portanto, o juízo que o sujeito recebe do outro pode ao contrário também subjugá-lo e condená-lo ao fracasso perpétuo. Assim, as críticas oferecidas pelos meios de comunicação podem ao invés de auxiliar a superação do dito fracasso, fomentar ainda mais o sentimento de caos e desmotivação por meio de adjetivos como desqualificados, despreparados entre outros bem mais cruéis. Adjetivos esses direcionados aos alunos e principalmente aos professores, muitas vezes, os primeiros verdadeiros parceiros desse sujeito rumo a descoberta do prazer de ler.

Entre outros, Paulo Freire um educador que defendia o compromisso e ética profissional por parte dos docentes, sempre também defendeu a capacidade que o educando tem de pensar e não ser depósito de ideias também reconhecia a importância da participação de outras personagens importantes no processo de alfabetização, como os pais. E diz Freire (1989, p.11),

(...) E foi com eles, precisamente em certo momento dessa rica experiência de compreensão do meu mundo imediato, sem que tal compreensão tivesse significado malquerenças ao que ele tinha de encantadoramente misterioso, que comecei a ser introduzido na leitura da palavra. A decifração da leitura fluía naturalmente de "leitura do mundo" particular. Não era algo que se estivesse dando superpostamente a ele. Fui alfabetizado no chão do quintal da minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi meu quadro negro; gravetos, o meu giz.

Hoje, o contexto que se apresenta sobretudo, nas camadas populares é de crianças que mal veem seus pais porque estes, quando se preocupam, trabalham muito e as vezes mal conseguem ter contato com os filhos e quando conseguem muitas vezes estão cansados, outros que não se preocupam porque pouco dão valor a escola e porque então, valorizar a leitura que nem mesmo eles, gostam de praticar. Pode-se inferir que, neste sentido a pandemia da COVID 19, fez com que crianças bem pequenas tivessem um maior contato com seus pais e nesse contexto tiveram acessos inesquecíveis de letramento no contexto familiar, por meio da vivência e observação, que ultrapassaram a decodificação dos sinais escritos em favor da decifração dos códigos sentimentais.

De volta ao contexto escolar é possível averiguar que com a promoção automática a maioria dos pais não se preocupam com o desempenho dos filhos

porque sabem que independentemente dos esforços passarão de ano e isso é o que importa e não, o que realmente o aluno aprendeu ou mesmo se este carece de auxílio e acompanhamento. Contextualização evidente pela baixa adesão dos alunos, com acesso à internet, na participação das aulas remotas. A escola é vista na verdade como um depósito e não uma instituição de ensino.

Finalmente, a tecnologia indispensável à vida moderna. Se por um lado, o aluno por ser mais jovem estão muitas vezes, à frente de muitos professores, por outro lado, utilizam tal conhecimento, não para ampliar os conhecimentos ou mesmo aprofundar seus estudos, mas na verdade, na maioria do tempo concentram seus esforços em jogos de violência, em informações sobre artistas, fofocas entre outras futilidades ao invés de utilizá-los como fonte de conhecimento, pois, se quer conhecem todos os benefícios que suas ferramentas podem oferecer.

Como já foi abordado, há um interesse da classe dominante que seus filhos aprendam a ler, de fato e isso não só é cobrado da escola particular, mas também dos próprios alunos e quando estes não conseguem superar suas dificuldades podem contar com auxílio complementar de professores particulares e das mais modernas tecnologias. Nas camadas populares, muitas pessoas necessitam usar a internet que custa caro, nos chamados Poupatempos, o tempo não é poupado, mas a paciência testada porque se permite o acesso de leitura de dados, não há como imprimir, as existem as chamadas lan houses pagas que não está ao alcance, pois antes, é necessário locomover-se para chegar até lá. Ou seja, mesmo que se consiga ter acesso a algumas tecnologias essas são mais rudimentares e mesmo que consigam por intermédio de outros, não conseguem apropriar-se do real valor e utilidade que elas têm a oferecer. Por isso, é necessário aprender a ler de fato, informar-se de assuntos relevantes, com compreensão e aproveitar o que a leitura pode oferecer. Assim Freire (1989, p.49),

A experiência de aumentar os conhecimentos que já tinhas, por causa de tua prática, antes mesmo de aprenderes a ler e a escrever, a experiência de consolidar e aprofundar, em grupo, os conhecimentos que obtiveste na primeira fase de teus estudos e a de ganhar novos conhecimentos. A experiência de discutir mais organizadamente um maior e variado número de temas, a partir da leitura de textos. Mas. sobretudo, esperamos que tenhas percebido a importância de pensar sério, de refletir.

A luz desse pensamento chega-se ao aluno, que como ser cognoscente, necessita cumprir seu papel e perceber-se parte desse processo de aquisição da leitura, no caso das crianças pequenas, essa responsabilidade necessita ser incentivada principalmente, pelos pais, independentemente das notas, encantados por atividades pertinentes instigadas pelos docentes constituindo assim, um ciclo que permite ganhar novos horizontes que sejam capazes de driblar o sistema econômico, mesmo sabendo que os pontos de partida são diferentes, apesar de uma alimentação inadequada, do ônibus apertados, apesar de almejar aquele livro, que custa caro e que os pais muitas vezes não podem ou acham desnecessário comprar.

Então salienta Freire (1989, p.49),

Ninguém pode se formar realmente se não assume responsabilidades no ato de formar-se. O nosso povo não se formar na passividade, mas na ação sempre em unidade com o pensamento. Daí a nossa preocupação em jamais sugerir aos camaradas que memorizem mecanicamente as coisas. Daí a nossa preocupação em desafiar os camaradas a pensar, a analisar a realidade.

Por fim, resta uma certeza, que para além dos problemas de ordem física que impedem os indivíduos das classes populares de chegarem a um nível de compreensão leitora mais eficiente como por exemplo, a falta de uma alimentação saudável, o descanso, o tempo que se tem para realmente estudar, porque é de conhecimento de todos que as crianças das classes populares necessitam ajudar nos trabalhos domésticos, cuidar dos irmãos para os pais poderem trabalhar. Sabese que essas crianças chegam cansadas a escola e ninguém possui disposição estando cansado. Além disso existe uma ideia capitalistas que não se importa realmente buscar uma alfabetização concreta com compreensão leitora a todos.

Eis aqui a importância de se unir a alfabetização e o letramento, a partir das habilidades conquistadas por ambos é que o indivíduo se tornar de ler de fato, com compreensão, com certeza sendo capaz de decidir o que é melhor para a sua vida Para Bakhtin (1997, p.45),

Devo assumir o horizonte concreto desse outro, tal como ele o vive; faltará, nesse horizonte, toda uma série de fatos que só são acessíveis a partir do lugar onde estou; assim, aquele que sofre só terá, de sua expressividade externa, uma percepção parcial que ele, por sinal, só conhecerá através da linguagem de suas sensações internas.

Assim o sucesso da alfabetização e do letramento rumo a construção de uma sociedade leitora depende do empenho e união de todos os envolvidos nesse processo e ao chamar a atenção para a necessidade da leitura com compreensão o construtivismo foi sim, uma grande descoberta. Porque ao invés de ficar-se exibindo esses resultados alarmante, porque não usar os meios de comunicação para aumentar a divulgação das possibilidades de acesso à leitura e do valor real que esta tem na vida de todos. Além disso, ao trazer uma nova proposta de interação sujeito objeto essa filosofia abre caminhos para novas possibilidades e na atualidade começa-se a estudar mais profundamente a importância dos jogos e das brincadeiras como novas possibilidades para aprender com mais suavidade sem perder a qualidade mediante ao planejamento e mediação de um bom professor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final desse trabalho, concluo que alfabetização e letramento, como já se conhece hoje, devem acontecer simultaneamente, pois, sem um o outro torna-se incompleto apesar da haver distinção conceitual entre eles.

A teoria construtivista foi uma grande descoberta, pois permitiu uma nova maneira de se olhar para a capacidade da criança pensar, e despertou a atenção para a necessidade de uma leitura que

ultrapasse o limite da decodificação; uma leitura capaz de capacitar o aprendiz a produzir novos textos a partir do encantamento fomentado pelo esclarecimento que se dá à medida que a competência leitora é adquirida, de fato. Que as confusões e críticas entre as teorias ofuscaram a real possibilidade de crescimento que a chegada do pensamento construtivista tinha a oferecer. Sendo assim, o construtivismo não pode de ser acusado dos resultados alarmantes que a mídia divulga uma vez, que não chegou a acontecer no âmbito da escola, porque quando muito tornou-se apenas uma tentativa que alguns docentes tentaram aplicar, mas que foi esmagada pela radical defesa do chamado método tradicional, que corre o risco de voltar dada a sua suposta eficiência pautada numa maior rapidez na aquisição do sistema de escrita, mas às custas da produção de indivíduos que capazes apenas de copiar técnicas, conhecimentos e porque não, pensamentos. E que no contexto brasileiro, isso favorece ao processo de dominação da massa que na incapacidade de pensar por si só, acaba seguindo e atendendo aos interesses de uma classe dominante, que necessita justificar sua posição sob a alegação de uma melhor qualificação, portanto com direitos e privilégios. A situação é reflexo da exclusão social, da exclusão que adentra os muros das escolas e do próprio indivíduo que ao entregar-se não se percebe parte desse processo e exclui a si mesmo ou os filhos. E o Brasil acaba sendo excluído da oportunidade de explicitar os talentos desperdiçados oculto na massa.

Porém, ainda há esperança como já esclareceu outrora Paulo Freire ao citar a força do aluno e dos oprimidos. Na união dos esforços entre os atores desse processo, principalmente, pais e alunos que necessitam compreender o grau de importância do estudo, da escrita e da leitura verdadeiras; que a escola deve ser apoiada e respeitada como lócus de ensino e aprendizagem e não apenas um local seguro para se deixar os filhos enquanto, se trabalha, que todos nós precisamos de estímulos e carinho, principalmente a criança, mas que além desse carinho é necessário se cobrar o cumprimento das responsabilidades, entre outras, estudar e ler sempre, e principalmente, perceber no docente, um aliado capaz de apontar caminhos para aprender, bem como cobrar e fazer uso apropriado das políticas públicas e ao invés de fortalecer a divulgação do caos da mídia sensacionalista.

Também vale a pena refletir a respeito das ideias de outros três outros pensadores ao sugerirem o uso dos jogos e brincadeiras pois, de acordo com

MACEDO, PETTY E PASSOS (2007 p.22),

Em síntese, uma construção supõe ao mesmo tempo a consideração do conjunto de relações ou pontos de vista que a constituem, mesmo que minimamente, e uma referência ou direção. O lúdico refere-se a uma atitude que possibilita diferenciar ou integrar esses dois aspectos. Dessa maneira, a construção supõe prazer funcional, enfrentar e superar desafios, tornar possível e jogar com significações. Se a dimensão lúdica pode estar presente e animar nossas formas de fazer isso, então podemos ser criativos e fazer as coisas de modo melhor, mais saudável e com mais sentido.

É possível mudar esse cenário, mas dado o grau de complexidade é necessário a participação e interesse de todos. Para além dos transtornos e sofrimentos oriundos da luta contra um inimigo comum e perigoso que assombrou o mundo, no contexto da pandemia talvez a possibilidade de aprendizagem e respeito a novos caminhos para aprender a sabedoria popular aliada aos aprofundamentos científicos; saberes antigos aprimorados com saberes tecnológicos, o homem manipulando as máquinas e não o contrário, jogos e brincadeiras não como reprodutores de violência, mas como possibilidades de aprendizagem para um povo cansado, mas ainda capaz de alcançar um mundo melhor.

LITERACY AND LITERACY: THE GAME OF METHODOLOGIES AND THE REFLECTION OF EXCLUSION

ABSTRACT

This article intends to reflect on the guilt of the failure of literacy in the initial grades of Brazilian elementary education attributed to the implementation of the constructivist philosophy and its interpretation within the school context through a literature review. It also seeks to reflect on the use of games and games as new motivational possibilities towards conquering the taste of wanting to learn students to make learning more meaningful and also to rescue part of the teacher's self-esteem capable of enhancing learning through mediation. systematized, but through a lighter approach without qualitative damage to the learner's knowledge. In order to do so, it presents an analysis based on the considerations made by specialists in the area of literacy in which the conflict between the supporters of traditional and constructivist theories, supposedly rivals, and the consequences and impacts of this discussion inside and outside the school environment are discussed. teaching work and in the image one has of the student capacity, above all, of the less favored classes.

Keywords: Literacy. literacy. methods. Games. jokes.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail.Estética da criação verbal. Disponível em: <http://minhateca.com.br/niltonvarela/Documentos/Ebooks/Marx+e+marxismos+*5bAK*5d/BAKHTIN*2 c+M.+Estetica+da+cria*c3*a7*c3*a3o+verbal,1315622.pdf> acessado em 07/09/2014

FERREIRO, Emilia, TEBEROSKY, Ana. Psicogênese da Língua Escrita. Porto Alegre:Artmed, 2006.300p.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. Disponível em: <http://www. educacaoparavida.com/resources/Paulo%20Freire-%20import%C3%A2ncia%20do%20ato%20de%20ler.pdf> acessado em 05/09/2014

MACEDO, Lino de; PETTY, Ana Lúcia Sícoli; PASSOS, Norismar Christe. Os jogos e o Lúdico na aprendizagem escolar. Porto Alegre:Armed.2007.110p.

MORTATTI, Maria Rosário Longo. História dos métodos de alfabetização no Brasil disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf